



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GRUPO ESTUDOS EM FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA
FRITZ MÜLLER-DESTERRO

GUSTAVO CAPONI

PREFÁCIO

(pp.11-14)

A

FELIPE FARIA

***GEORGES CUVIER:
DO ESTUDO DOS FÓSSEIS
À PALEONTOLOGIA***

EDITORA 34
&
ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA
SCIENTIAE STUDIA

SÃO PAULO
2012

PREFÁCIO

Thomas Kuhn teria gostado de ler este livro de Felipe Faria. Nele, tanto a constituição e a consolidação da paleontologia, quanto a sua transformação no que hoje entendemos por esse campo de estudos são narradas e analisadas segundo o padrão de conformação e desenvolvimento da ciência delineado em *A estrutura das revoluções científicas*. É claro, entretanto, que Felipe Faria procurou, e conseguiu realizar, algo muito mais ambicioso e relevante do que um mero exercício de historiografia kuhniana. Ele simplesmente se valeu dela para dar uma estrutura inteligível ao devir da paleontologia, desde sua constituição nos inícios do século XIX, até sua transformação no período que segue à revolução darwiniana.

Em meio século, a paleontologia percorreu um caminho análogo àquele que as disciplinas estudadas por Kuhn percorreram em dois ou três séculos; e eis aí que aparece, e ganha relevo, a imponente figura de Georges Cuvier, o inevitável protagonista principal da obra de Faria. Antes de Cuvier e suas primeiras aplicações dos métodos da anatomia comparada ao estudo dos fósseis, que ocorreram nos últimos anos do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, a paleontologia definitivamente inexistia. Os fósseis eram evidentemente conhecidos e, em geral, ao fim do século XVIII, aceitava-se sua origem orgânica. Tudo isso é mostrado muito bem pelo autor. Mas, como ele também mostra, os naturalistas não sabiam ainda o que fazer com essas relíquias, nem ousavam integrá-las ao grande inventário da natureza, cuja construção, a partir de Lineu, converteu-se no principal programa da história natural. Em geral, os fósseis só eram oportunidade de especulações, e amiúde eram citados, como tinha feito Buffon, para justificar as mais arriscadas conjecturas sobre uma hipotética história da natureza.

Porém, com Cuvier, toda essa liberdade de conjecturar e de imaginar acabou. Ele estabeleceu as bases, permitindo ver a viabilidade e a fertilidade, de uma nova tarefa, na qual todos os naturalistas podiam engajar-se e colaborar de forma articulada: a *determinação* de fósseis, isto é, a sua reconstrução e classificação. Mostrando como os restos desses seres extintos podiam ser estudados por meio dos mesmos métodos da anatomia comparada que se aplicavam aos seres atuais, métodos para cujo desenvolvimento e padronização ele mesmo tinha feito contribuições definitivas e indisputáveis, Cuvier deu indicações suficientes, e muito claras, de como as *leis das correlações dos órgãos*, válidas para os seres atuais, podiam aplicar-se na reconstrução desses organismos dos quais ficavam somente fragmentos mais ou menos incompletos. Como resultado dessa reconstrução, tais seres podiam ser incorporados nas coordenadas taxonômicas que também já regiam a classificação dos seres atuais.

Alheio a qualquer teorização transformista, Cuvier concebeu a paleontologia como uma ciência da organização e não como uma ciência histórica, tal como nós, darwinianos, o fazemos hoje. Em chave cuvieriana, *determinar* um fóssil era estabelecer que tipo de organismo tinha sido aquele ser agora extinto: mamífero ou réptil, animal herbívoro ou carnívoro, de vida aquática ou terrestre. Mas isso, que agora poderia parecer-nos pouca coisa, significou um gigantesco, e bem consolidado, avanço no conhecimento e compreensão dos seres organizados, cujo passado, conforme Cuvier, podia e devia ser iluminado com as mesmas luzes que iluminavam seu presente. O que valia para os seres vivos atuais devia valer também para os já desaparecidos. Foi assim que aquilo que antes era só motivo de especulação, e até de fabulação, transformou-se em campo de pesquisas empíricas mutuamente articuláveis e controláveis. Pesquisas cujos resultados,

además, eram acumuláveis. Cuvier estabeleceu os exemplares de uma atividade na qual muitos podiam engajar-se, e, como mostra Faria, também trabalhou, insistente e exitosamente, para que isso assim acontecesse.

Em seu trabalho teórico, Cuvier assentou os primeiros exemplares, e também as bases metodológicas e os objetivos cognitivos da primeira paleontologia; e, como também era grande estrategista e administrador, tampouco deixou de arregimentar em comunidade naturalistas “menores” que deviam trabalhar na edificação da catedral, cujos planos e alicerces ele tinha delineado. Cuvier sabia que uma ciência não fala em primeira pessoa do singular. Por isso, promoveu a articulação da comunidade que seria o sujeito da nova ciência; e ele mostrou como essa comunidade podia e devia trabalhar na base de métodos unificados e com objetivos compartilhados. Foi, entretanto, pelo trabalho da própria comunidade, e pela legitimidade e mútuo apoio que seus resultados podiam conquistar, que, em pouco tempo, começaram a surgir dados que não se encaixavam muito bem no quadro teórico inicialmente previsto por Cuvier.

Os fósseis falavam – e, graças aos métodos cuvierianos, faziam-no com clareza – de uma sucessão temporal de faunas e floras, na qual o próprio homem estava envolvido. E essa progressão não tinha como ser encaixada dentro das coordenadas da história natural na qual essa primeira paleontologia estava inserida. As anomalias não demoraram a aparecer, e elas, como Felipe Faria também aponta, só puderam ser incorporadas dentro de um quadro teórico coerente quando a paleontologia viu-se revolucionada e cooptada pela nascente biologia evolucionária. Com esta, a ciência fundada por Cuvier mudou radicalmente seus objetivos cognitivos. Atropelada pela revolução darwiniana, que convulsionou todo o campo da história natural, a paleontologia, como também a

anatomia comparada, deixou de ser uma ciência da organização e transformou-se em ciência histórica. A partir daí, um fóssil já não seria um simples quebra-cabeça organizacional. Sem deixar de ser isso, porque nunca poderia deixar de sê-lo, um fóssil passou a ser, fundamentalmente, uma peça dentro do quebra-cabeça maior da genealogia. Uma peça a ser devidamente colocada nessa árvore da vida em cuja reconstrução toda a história natural engajou-se depois do advento do darwinismo. Ainda assim, para conseguir isso, a aplicação dos métodos cuvierianos continuaria sendo um recurso imprescindível.

Articulação cuvieriana, consolidação, crise e reformulação darwiniana da paleontologia: eis aí a história que a bem documentada obra de Faria reconstrói e permite fazer compreender com detalhe e rigor.

Gustavo Caponi

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e a Sociedade Brasileira de Paleontologia, pelo apoio financeiro que resultou na publicação desta obra. Agradece também a Gustavo Caponi, por compartilhar as ideias e pelo incentivo e atitudes exemplares, que sempre o orientarão em sua vida acadêmica. Agradece ainda a Jerzy Brzozowski, João Francisco Botelho e demais membros do Grupo Fritz Müller-Desterro de Estudos em Filosofia e História da Biologia pelas sugestões e discussões, que enriqueceram seus conhecimentos sobre a filosofia e a história da biologia. Agradece, por fim, a Simone Maidel por todo o apoio dado e pelos seus primorosos registros fotográficos dos fósseis, esculturas e monumentos relacionados a Georges Cuvier.